

Entrevista com Mercedes Vilanova*

Presidente da Associação Internacional de História Oral, gestões 1996-98 e 1998-2000.

“Na entrevista, o que é extraordinário, é que é um jogo a dois, e se algo não transforma a um e a outro, é que a entrevista não teve a densidade que precisa, por isto é mais jornalística. Creio que, na fonte oral, as entrevistas que fazemos nos transformam e transformam o outro, porque você está chegando a portos novos, fazendo um autêntico descobrimento. É uma porta insólita que de pronto se abre e você diz o que não havia dito nunca, é fabuloso.”

Mercedes Vilanova

Mercedes Vilanova concordou em nos dar uma entrevista gravada, mas ponderou que quase não nos sobrava tempo diante da intensa programação do evento que, em seu caso, incluía também uma série de reuniões da diretoria. Este foi realmente um complicador para a realização da entrevista que, após algumas tentativas de combinação de horários, acabou tendo lugar durante o passeio promovido pela organização do Congresso, a bordo de um barco pelo estreito do Bósforo. O passeio aconteceu logo após a assembléia de eleição da nova diretoria, tendo os votos sido contados no próprio barco. A falta de tempo também foi um complicador para a preparação do roteiro da entrevista, tendo em vista

* Entrevista realizada por Marco Aurélio Santana e Verena Alberti em Istambul, Turquia, em 17 de junho de 2000. Transcrição: Maria Jovira Simonetti; conferência de fidelidade e edição: Verena Alberti; notas: Regina Helena Meirelles Santiago e Verena Alberti.

nosso envolvimento com o congresso. O roteiro foi preparado à noite, em um dos intervalos de jantar.

A bordo do barco tivemos de esperar o melhor momento para a gravação da entrevista. O contexto era de confraternização e a entrevista exigia que afastássemos Mercedes do convívio festivo dos colegas. Ela facilitou nossa tarefa, colocando-se, a certa altura, à disposição dos seus entrevistadores. Escolhemos a cabine de comando do barco como lugar mais reservado, apesar de nela estarem o comandante e seus auxiliares conversando entre si (em turco!). Isso prejudicou um pouco o registro, sacrificando parte da transcrição da entrevista. A certa altura, o comandante ofereceu-nos seu escritório para continuarmos a gravação.

Mercedes nos contou como chegou à história oral, falou sobre as vertentes da história oral praticada em diferentes países, sobre suas próprias convicções a respeito, reconstituiu a trajetória do movimento até a criação da Associação Internacional de História Oral, fez um balanço de sua gestão e disse o que pensava para o futuro. A leitura de sua entrevista será certamente útil, não só para os que estão tomando contato com a história oral, como também para os que já têm experiência na área.

Marco Aurélio Santana: Gostaríamos de ouvi-la falar um pouco sobre como chegou à história oral, qual foi o percurso, qual o caminho.

Mercedes Vilanova: Bem, quando iniciei meus trabalhos, primeiro fiz uma tese de doutorado sobre um poeta catalão, Juan Maragall; depois fiz um estudo sobre um escritor da geração de 98, Azorín¹. E já tinha o doutorado, então decidi voltar à universidade, porque naqueles tempos, na Espanha, ainda estávamos na clandestinidade e comprovei que era muito difícil a cultura operária. Me dei conta de que era praticamente impossível ensinar aos operários o que eu queria ensinar numa

¹ Joan Maragall (1860–1911), poeta catalão, foi um dos mais notáveis representantes do renascimento da literatura catalã da virada para o século XX. Sobre ele, Mercedes Vilanova publicou *Espanña en Maragall* (1968). Azorín é pseudônimo do escritor espanhol José Martínez Ruiz (1874-1967). Azorín chamou de Geração de 98 o movimento de jovens escritores espanhóis que, diante da derrota na guerra hispano-americana de 1898, proclamaram um renascimento moral e cultural da Espanha. Mercedes Vilanova publicou *La conformidad con el destino en Azorín: trayectoria de un escritor español* (1971).

escola de bairro. Então decidi ir à universidade para entender melhor o processo político. Naturalmente escolhi como tema de estudo a Guerra Civil Espanhola, para entender por que havia fracassado a revolução social. Pensava então que, se eu soubesse por que havia fracassado a revolução social, podia ajudar a transformar a sociedade. É o 68.

O início dos estudos foi muito difícil. Era muito difícil encontrar as fontes, e eu trabalhava os arquivos pressionada pela polícia... Então pensei que, numa cidade, encontraria as fontes mais facilmente trabalhando os arquivos municipais para estudar o processo de coletivizações. Na verdade, iniciei um trabalho sobre as maiorias invisíveis, que publiquei muitíssimo depois (Vilanova, 1996). Acreditava que primeiro tinha que fazer um estudo estatístico para entender quais eram os parâmetros fundamentais da realidade social, da paisagem social. Fiz um trabalho estatístico profundo e me dei conta de que o tema fundamental dos anarquistas, que eu acreditava que eram a maioria, era a abstenção: o não votar. Então me tornei uma especialista do processo eleitoral e quis averiguar por que se votava ou não se votava. Publiquei um Atlas eleitoral da Catalunha (Vilanova, 1986). Entendi que, para conhecer as motivações tanto da abstenção quanto das coletivizações, tinha que perguntar. E uma vez iniciadas as entrevistas, entendi – e isso também publiquei várias vezes – que a realidade que as pessoas contam, a maioria das pessoas, é muito diferente do que há nos livros.

Verena Alberti: E é diferente também do que há nas estatísticas, ou não?

MV: As estatísticas, creio que dão as perguntas fundamentais. As perguntas, segundo meu critério, procedem sempre da estatística. A resposta, a estatística não dá. A resposta quem dá são as pessoas.

VA: E quando foi isso, Mercedes? Em que ano?

MV: Bem, volto à universidade... Eu não queria ir ao mundo acadêmico, que eu desprezava. É no ano de 69, em que volto à universidade, quando compreendo que, no mundo clandestino na Espanha, já no momento em que se prevê a morte de Franco, estão todos os partidos políticos enlouquecidos pelo poder. Nesse tempo já estou casada e com filhos e fracasso numa escola popular. Não que fracasse, mas me trocam pela política e então decido ir à universidade para entender o processo político-social. É no ano de 69, quando decido estudar a revolução social na Catalunha.

VA: E em que ano fez sua primeira entrevista?

MV: Possivelmente dois anos depois, em 70, 71, e muito pouco depois conheço Ronald Fraser. Ronald Fraser vai à Espanha no ano de 73 e tinha publicado *Mijas* (1985), um trabalho que não havia tido nenhum êxito internacional, não tinha sido sequer citado por Paul Thompson no ano de 79. E foi mesmo um livro que me entusiasmou. Intitulava-se *Tajos: a spanish village of the Costa do Sol*, que nós traduzimos outra vez para o espanhol. Então Ronald Fraser me procura para que lhe dê nomes de entrevistados, de gente para entrevistar, porque sabe que estou estudando o mesmo período. E ele me explica o que é a história oral. Eu já a praticava, mas ele me disse o que era.

Então eu entendo e em seguida, numa viagem que faço aos Estados Unidos, no ano de 75... Já havia ido antes para aprender a manejar o computador, fazendo fichas perfuradas para aprender o estudo estatístico das eleições. Mas na Califórnia, no ano de 75, conheço Willa Baum, que é quem dirige o arquivo de história oral de Berkeley, Regional Oral History Office². Então ela acaba de me ensinar, de me introduzir, no que é a história oral – americana, que não tem nada a ver com a espanhola.

VA: Por que não tem nada a ver?

MV: Este é o problema da IOHA (International Oral History Association), este é exatamente o problema da IOHA. Eu procedo de um mundo europeu, onde o que nos interessa é a investigação das hipóteses, uma história oral dirigida à investigação, muito lastreada pelas teorias marxistas. E tradicionalmente este movimento internacional considerava-se superior ao americano. Por quê? Porque o americano é muito mais de arquivo. A América é um país que pode financiar a história oral. É uma história oral feita pelos que ganham, por gente que pode financiá-la: empresários, elites políticas, sociais etc. É uma história oral não marxista, não dirigida à investigação e sim, eu creio, muito mais aos arquivos.

VA: À coleta

MV: À coleta. Como é Columbia – é o caso de Ronald Grele³. Mas isto era o ano de 75... Eu venho da Europa, a mim me interessa,

² Willa K. Baum, da Universidade da Califórnia, publicou o manual *Oral History for the Local Historical Society* (1974) e editou recentemente, com D. K. Dunaway, *Oral History: an Interdisciplinary Anthology* (1996).

naquele momento, a revolução social e tenho minhas hipóteses. Mas nos Estados Unidos entendo que o historiador é responsável pela criação de fontes. Então, eu sempre, como historiadora, me considerei responsável pelo arquivo. A prova é que nossa revista *Historia, Antropología y Fuentes Orales* é editada com a colaboração do Arquivo Municipal de Barcelona, unindo universidade e arquivos⁴. Então, no movimento internacional, eu representei a academia; eu representei a ciência, como Alexander von Plato⁵. Por isso estamos aí. Mas ao mesmo tempo reconheço que a história oral é um movimento de denúncia social, e eu o apoio. E ao mesmo tempo creio que há arquivos. De modo que acredito que, se temos aqui 50 pessoas dos Estados Unidos que pertencem à Associação de História Oral Americana, é um êxito para o movimento, em que também há europeus. Eu creio que aqui estão representadas todas as tendências.

VA: As tendências, resumindo, são três?

MV: Bom, cada historiador tem seu método. Porém, há uma história populista, militante, que pretende dar voz aos que não têm voz, o que é absolutamente paternalista, absolutamente falso, porque as mulheres e os negros têm voz. Não necessitamos que brancos da África do Sul nos venham dizer o que dizem os negros. Os brancos falam pelos brancos, negros pelos negros, as mulheres pelas mulheres. Mas surgiu como uma história militante, em que acreditávamos que só recolher era suficiente para ser uma história maior. Isto nos anos 70. E é a sedução da palavra do vencido, escrita pelo vencedor, que somos nós. Esta linha, digamos, é folclórica, é populista, mas há mais linhas, porque a

³ Ronald Grele é autor de *Envelopes of Sound: the Art of Oral History* (1991), publicado pela primeira vez em 1975, e diretor do Oral History Research Office, da Universidade de Columbia, Nova York, Estados Unidos.

⁴ Publicada pela primeira vez em 1989 sob o título *Historia y Fuente Oral*, a revista da Universidade de Barcelona, fundada e dirigida por Mercedes Vilanova, passou, em 1996, a chamar-se *Historia, Antropología y Fuentes Orales*.

⁵ Alexander von Plato é diretor do Instituto de História e Biografia da Universidade Aberta de Hagen, Alemanha, e foi secretário da IOHA de 1996 a 2000. Publicou diversos textos sobre história oral, entre eles, em co-autoria com Lutz Niethammer, a trilogia sobre o projeto Lusir, uma ampla pesquisa de história oral com os trabalhadores do vale do Ruhr. Publicou o artigo "Competições entre vítimas" (In: Ferreira et al., 2000). É editor da revista *Bios – Zeitschrift für Biographieforschung und Oral History*, publicada pela Universidade de Hagen desde 1988.

história oral também pode ser um *healing professional*, uma cura profissional, um movimento nas margens... Por isso eu disse a Arzu que fizesse seu *speech* inaugural, porque Arzu, da margem da leucemia, nos deu uma lição: para que serve a história oral⁶. Há muitas possibilidades da história oral em hospitais e tudo isso eu respeito. Mas sou historiadora. Há uma linha, por exemplo, a dos incapacitados. Quando houve, nos Estados Unidos, o *Human Rights Movement*, os brancos ajudamos os negros e logo nos demos conta de que os negros não queriam nada dos brancos; as mulheres ajudaram os brancos e os negros e logo se deram conta de que nem os homens negros e nem os brancos queriam as mulheres. E os incapacitados ajudaram a brancos e negros, a mulheres brancas e negras, e ninguém fez caso disso, e organizaram um movimento de história oral contando suas vidas. Quer dizer, eu creio que, para o mundo dos incapacitados ou dos enfermos, para o mundo dos analfabetos e para as culturas orais, a história oral é a única que nos aproxima.

MS: Essa é uma linha.

MV: É somente nas margens que a história oral alcança a força da denúncia social, e isto é fantástico. Estou convencida neste sentido, e por isto defendo, na IOHA, o marginal. Em seguida, há o mais populista, que é acreditar que se vá com o microfone recolhendo as falas dos que não têm voz. Eu digo que é porque não os escutamos, porque as pessoas gritam! Isso é uma linha que acredito que quem a encarna é Paul Thompson⁷ – o líder desta linha, digamos, mais populista, que teve, creio, seu zênit nos anos 70, quando Paul Thompson rompeu com os antropólogos que lhe estavam fechando o caminho. A crítica mais forte que se fez a essa linha populista militante é que os pioneiros, entre eles eu, usavam a história oral como trampolim para subir no antigo movi-

⁶ Arzu Öztürkmen, professora da Universidade de Bogaziçi, Istanbul, Turquia, inicialmente responsável pela organização do XI Congresso Internacional de História Oral, teve de delegar a tarefa a outros colegas, especialmente a Günham Danisman e Nükhet Sirman, por ter desenvolvido leucemia. A fala de Arzu, lida por Nükhet Sirman na sessão inaugural do congresso, está publicada no número 24 de *Historia, Antropología y Fuentes Orales* (Öztürkmen, 2000).

⁷ Professor da Universidade de Essex, Reino Unido. Publicou diversos livros, entre eles *The Voice of the Past; Oral History* (1978) e *Our Common History: the Transformation of Europe* (1982), este último em co-autoria com N. Burchardt.

mento clientelista cooptado que eu denunciarei e do qual procedo. A história oral seria uma maneira, nas margens da historiografia clássica, de dizer: “Faço algo diferente”.

Em seguida, há a história oral que agora já não é dos Estados Unidos, porque mudou, mas a história oral dos arquivos – é bastante o que faz o CPDOC. É recolher as palavras das elites ou dos movimentos sociais ou de quem seja, para o futuro. Isto merece um grande respeito; é a fonte oral não para ser explorada imediatamente e sim feita para o futuro. Mas tudo isto muda muito o tipo de entrevista, porque quando uma pessoa entrevista pensando em futuras gerações, a entrevista é muito aberta, porque não se sabe o que interessa. Isto eu acredito que os americanos fazem muito bem.

E depois há a história oral que eu creio que é a de Alexander von Plato – também seria a minha –, que é complementar à investigação. E eu defendo uma história sem adjetivos – a mim história oral não interessa nada. Como catedrática de história, me interessa uma história bem-feita e, para fazer uma história bem-feita, necessito da fonte oral, e aqui estou. Mas isso não me impede de ter sido presidente da IOHA, porque reconheço o valor...

MS: Das outras.

MV: Claro. E as defendo.

MS: O que Gotemburgo representou nesse processo da IOHA?⁸

MV: Havia o movimento internacional europeu, que era um grupo de amigos. Nele estavam Thompson, Luisa Passerini, Portelli, Lutz Niethammer, François Bedarida, eu, Joutard até certo ponto, os suecos⁹... Éramos um grupo em que o importante era organizar conferências e havia sempre uma discussão sobre se íamos fazer uma associação ou não. Eu sempre fui contra a associação.

VA: Contra?

⁸ Em Gotemburgo, Suécia, foi realizado o IX Congresso Internacional de História Oral, em 1996. Durante o evento foi criada a IOHA e eleita sua primeira diretoria.

⁹ Luisa Passerini, professora da Universidade de Turim, Itália, fundou a revista *Fonti Orali*; entre seus livros estão *Fascism in Popular Memory* (1987), *Mussolini immaginario: storia di una biografia* (1991) e *Memory and Totalitarianism* (1992). Alessandro Portelli, professor da Universidade de Roma, foi membro do Conselho da IOHA de 1996 a 2000. Publicou, entre outros, *The Death of Luigi Trastulli and Other Stories* (1991) e os artigos “O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana: 29 de junho de 1944): mito, política, luto e senso comum” (In: Amado & Ferreira, 1996); “A filosofia

MV: Contra, sim. Para que se associar, para que uma associação a mais? Eu era contra. Me parecia muito mais interessante ter uma revista. E eu organizei a conferência em Barcelona, em 85, que foi a primeira conferência com um comitê científico, porque eu queria uma história de qualidade, ainda mais partindo da universidade. Então me parecia mais interessante ter uma revista internacional que defendesse as fontes orais e por isto fundei... Bom, porque em Oxford proibiram-nos de falar em castelhano; não podíamos falar em espanhol em Oxford, no ano de 87. Então, com Eugenia Meyer, decidimos organizar um encontro no México para falar em espanhol, em 88¹⁰. Isto foi a reação aos anglo-saxões que nos impediam, nas reuniões internacionais, de falar espanhol. E eu fundei a revista em espanhol que, na realidade, traduzia os clássicos, no princípio. Então, a mim me interessava mais a revista do que todo este pequeno “grupito”, este grupo fechado. Então, em Gotemburgo, creio que o que aconteceu – eu não sabia de nada – foi que Ronald Grele queria montar uma associação presidida por Thompson. Quando saiu meu nome, proposto pelos brasileiros, eu não me retirei. Por quê? Pois já expliquei: havia estado em Pequim, no movimento de mulheres, e me haviam dito que nós, mulheres, tínhamos que ser capazes de perder. Então, quando fiz o discurso de que estava disposta a perder, e não queria dinheiro, não queria burocracia... Então me elegeram e eu assumi. Uma vez aceito um pacto, eu aceitei a responsabilidade de

e os fatos” (1996), e “Memória e diálogos: desafios da história oral para a ideologia do século XXI”, (In: Ferreira et al., 2000). Lutz Niethammer publicou, em 1980, a primeira coletânea de artigos sobre história oral surgida na Alemanha (Niethammer, 1980) e é co-autor, com Alexander von Plato, da trilogia sobre a pesquisa de história oral com os trabalhadores do vale do Ruhr. No Brasil, Niethammer publicou “Conjunturas de identidade coletiva” (1997). François Bédarida é pesquisador do Instituto de História do Tempo Presente, em Paris, França. Philippe Joutard, professor da Universidade de Toulouse, é autor do livro *Ces voix qui nous viennent du passé* (1983) e publicou, no Brasil, “História oral: balanço da metodologia e da produção nos últimos 25 anos” (In: Amado & Ferreira, 1996) e “Desafios à história oral do século XXI” (In: Ferreira et al., 2000). Os suecos a que Mercedes Vilanova se refere são, provavelmente, Sven B. Ek e Birgitta Skarin Frykman, professores da Universidade de Gotemburgo.

¹⁰ O I Encontro de Historiadores Oraís de América Latina e Espanha realizou-se em setembro de 1988 na cidade do México, no Instituto Mora, à época presidido por Eugenia Meyer, atualmente professora da Universidade Nacional Autônoma do México (UNAM). Eugenia Meyer é autora do artigo “Balanço e novos desafios em História oral: desafios para o século XXI” (In: Ferreira et al., 2000).

levar adiante a IOHA e isso foi o que fiz. Acredito que o que aconteceu foi que, sem querer, eu ganhei uma batalha que não me interessava, porque ia deixar a história oral.

MS: Como você avalia sua gestão?

MV: Minha gestão? Bem, creio que se conseguiu a organização; conseguiu-se o secretariado; conseguiu-se a tesouraria; conseguiu-se, não me preocupa o dinheiro, mas creio que o número de membros suficiente; conseguimos duas conferências... Jamais teríamos acreditado poder sair da Europa. Rio foi uma aposta muito difícil e tínhamos muito medo de um boicote. Istambul foi também uma aposta muito difícil, porque é um país difícil e chegamos aos confins da Europa. E a África do Sul é outra vez uma aposta extraordinária. Creio também que, do ponto de vista das conferências, pela primeira vez houve tradução simultânea e se pôde falar no idioma que se quisesse, com êxito. Os anais também – já em Gotemburgo – foram publicados. Publicamos a revista *Palabras y Silencios*¹¹, uma *newsletter*... Agora Marieta recebe uma organização em marcha, que em Gotemburgo não havia; não tínhamos um *duro*, não tínhamos secretaria, não tínhamos tesouraria...

MS: Tinha-se que começar tudo...

MV: Tinha-se que começar tudo, mas o conselho queria... Eu acredito que houve um movimento que me apoiou, além dos brasileiros, mais amplo, de pessoas da Inglaterra, de Alexander von Plato, Albrecht Lichtblau¹², de pessoas que tinham uma visão mais democrática da gestão de história oral e me apoiaram e trabalharam. Por exemplo, Alistair Thomson, na Inglaterra, Graciela de Garay, do México, Dora Schwarzstein, da Argentina e durante os dois últimos anos Anne Ritchie, dos EUA e Janis Wilton, da Austrália e, claro está, do Brasil, você mesma, Verena, e Marieta, que assumiram a responsabilidade de organizar o encontro do Rio¹³. E também atraímos os norte-americanos,

¹¹ *Palabras y Silencios. Boletín de la Asociación Internacional de Historia Oral*, publicado também como *Words and Silences. Bulletin of the International Oral History Association*. O primeiro volume foi publicado em junho de 1997.

¹² Albrecht Lichtblau é professor da Universidade de Salzburgo, Áustria e foi membro do Conselho da IOHA de 1996 a 2000.

¹³ Alistair Thomson é professor da Universidade de Sussex, Reino Unido, e foi membro do Conselho da IOHA entre 1996 e 2000. Publicou *Anzac Memories: Living With the Legend* (1994); os artigos "Os debates sobre memória e história: alguns aspectos

o que é muito importante – há 50 aqui, é muito. E há as pessoas aqui que representam os marginais, pessoas que representam os arquivos e pessoas que representam a investigação. O extraordinário da Conferência de Istambul é que, apesar dos problemas que Arzu teve que enfrentar, ela pôde se organizar de uma maneira democrática e seguindo a marca da IOHA. Sem dúvida, a equipe que surgiu em torno de Arzu tornou isso possível. Em especial, o trabalho que Günham Danisman levou a cabo, com o apoio de Nükhet Sirman e Leyla Neyzi¹⁴.

VA: Estivemos pensando que, na conferência do Rio, o grande tema foi a miscigenação de raças, de etnias. As pessoas repetiram esse tema como uma forma... a história oral seria uma forma de você poder misturar coisas diferentes. E aqui o tema é o encontro do Ocidente com o Oriente. O que você pensa sobre isso? Até a logomarca do congresso, segundo explicou Günhan Danisman, é a Europa e a Ásia, com o Bósforo no meio. Achamos interessante essa metáfora...

MV: Depende de onde você se situa, porque Ocidente-Oriente depende de onde se esteja no mundo; Norte-Sul, também. São conceitos que nos ensinaram. Ocidente depende de onde se esteja situado no globo e o centro do mundo depende como o olhe – é uma esfera, não? De modo que me parece que se viemos aqui, é sobretudo por causa do Islam; é outra cultura e a parte islâmica era muito importante, assim como a parte de nos aproximarmos do Leste da Europa, da Rússia e dos outros países. Eu creio que a IOHA tem a ambição de ir penetrando... Parece-me que a Europa está consolidada e a América Latina está

internacionais" (Amado & Ferreira, 1996); "Aos cinquenta anos: uma perspectiva internacional da história oral" (Ferreira et al., 2000), e "Recompondo a memória: questões sobre a relação entre a história oral e as memórias" (Thomson, 1997) e, em co-autoria com Robert Perks, a coletânea de artigos *The Oral History Reader* (1998). Graciela de Garay foi membro do Conselho da IOHA entre 1996 e 2000 e é pesquisadora do Instituto Mora, no México. Dora Schwarzstein foi membro do Conselho da IOHA de 1996 a 2000, é professora da Universidade de Buenos Aires e publicou o artigo "Desafios da história oral latino-americana" (In: Ferreira et al., 2000). Anne Ritchie é pesquisadora da Galeria Nacional de Arte, de Washington, DC, EUA, e Janis Wilton é professora da Universidade de Nova Inglaterra, Austrália. Ambas foram eleitas para o Conselho da IOHA em 1998 e continuam nos cargos na gestão atual, que se encerra em 2002.

¹⁴ Os dois primeiros são professores da Universidade de Bogaziçi e Leyla Neyzi é professora da Universidade de Sabanci, ambas as instituições sediadas em Istambul, Turquia.

consolidada. Agora creio que as pendências são a África e Ásia, que fazem falta... Ao menos sob o meu mandato, a IOHA prescindiu do eurocentrismo e de ganhar membros... Ou seja, não quisemos fazer uma organização profissional gremial como é a americana, mas sim quisemos fazer uma organização flexível, aberta, para apoiar a história oral em distintas partes do mundo. Se fomos ao Brasil, foi porque naquele momento acreditávamos que isso apoiava a história oral brasileira e sul-americana, que era um apoio que internacionalmente dávamos. Viemos à Turquia para dar um apoio a esta região e também, é verdade, porque, por estar próxima da Europa, parecia mais fácil a viagem. Se agora se vai à África do Sul, que esperamos? Um apoio à negritude, uma aproximação, não fazemos política, não esperamos nada mais que... Vamos para lá para ver; tem uma história oral fantástica, queremos saber, queremos estar em contato, já que a aposta que eu como presidente fiz foi a de abrir novos mundos. Veremos o que fará Marieta.

VA: Você está falando da África... O que você pensa sobre as relações entre tradição oral e história oral? Há diferenças, há semelhanças?

MV: Muitas, sim, claro. Para nós, claramente, história oral é um ciclo, é a reminiscência pessoal da vida de uma pessoa, não mais – a pessoa, seus pais e avós, no máximo. E é uma história contemporânea raivosa, é a memória do presente com vistas ao futuro. A tradição oral creio que é outra especialidade. Nós aqui nunca nos atrevemos a fazê-la; tenho muito respeito pela tradição oral, mas não é minha especialidade. E na África é muito importante, Jan Vansina etc.¹⁵, mas não pretendemos ir lá dar um... por que não sabemos.

VA: Mas acho que quando formos para a África vamos trazer para a IOHA discussões sobre tradição oral, com certeza.

MV: Perfeito.

VA: Talvez até aumentar esse escopo da história oral – em vez de três, nós já vamos ter quatro formas de fazer história oral.

MV: Sim, mas acho que é mais importante fazê-lo do que dizê-lo. Há que ser muito respeitoso com o que se oferece, porque as palavras

¹⁵ Jan Vansina, professor da Universidade de Wisconsin, publicou, entre outros, *Oral Tradition: A Study in Historical Methodology* (1965) e *Habitat, Economy and Society in the Central African Rainforest* (1992).

são fáceis e os feitos difíceis. Estou totalmente de acordo; seria... Van-sina nunca quis vir a nenhum encontro. Não há maneira de atraí-lo.

VA: Não há maneira?

MV: Mas poderia haver uma abertura à antropologia.

VA: Sim, há muitos antropólogos.

MV: Sim, mas creio que, no Conselho atual, somos todos historiadores, menos Portelli, que é literato. Todos procedemos da história, todos. O próximo não sei como será, mas pelo que sei, me pareceria que somos historiadores¹⁶. Há psicólogos, sociólogos, politicólogos, mas não sei bem.

MS: O que você espera da história oral, do futuro?

MV: Tudo, tudo. Espero a porta insólita, espero a porta insólita, espero respostas, espero... Bem, eu creio que a vida, que a história é diálogo. Para mim, basicamente a fonte oral é a necessidade de dialogar com o outro para ser e para conhecer. Não entendo a vida de nenhuma outra maneira que não seja através do diálogo e neste sentido defendo até o final a necessidade da fonte oral.

VA: A última pergunta, de minha parte: em que está trabalhando hoje, em história oral?

MV: Fiz um trabalho em vídeo, são montagens de entrevistas em vídeo sobre as mulheres de 36¹⁷, basicamente comunistas e anarquistas, e fiz um trabalho em vídeo também, uma montagem, sobre as brigadas internacionais na Espanha. Mas ultimamente, no meu departamento, me encarregaram de dar um curso sobre o mundo atual, e isto me obrigou a fazer uma... Porque, claro, nós os historiadores em geral pensamos sobre o passado, e este curso me obrigou a pensar o presente. E acabo de encerrar isso agora e foi uma aventura fascinante pensar o presente

¹⁶ A diretoria da IOHA eleita em Istambul no dia 17 de julho de 2000, para o biênio 2000-2002, está assim composta: Marieta de Moraes Ferreira (Brasil) – presidente; Janis Wilton (Austrália) – vice-presidente; Anne Ritchie (EUA) – vice-presidente; Almut Leh (Alemanha) – tesoureira; Anna Green (Nova Zelândia) – secretária; representantes da Europa: Mercedes Vilanova e Pilar Gomez (Espanha) e Joana Bornat (Inglaterra); representante da Ásia: Nükhet Sirman (Turquia); representantes da África: Philippe Denis (África do Sul) e Tayba Hassan Sharif (Egito); representante da América do Norte: Rina Benmayor (EUA); representante da América do Sul: Verena Alberti (Brasil).

¹⁷ Durante a Guerra Civil Espanhola (1936-39), houve uma notável participação de mulheres, tanto nas organizações, principalmente anarquistas, como nas coletivizações em geral.

com vistas ao futuro – isso também disse na minha intervenção inaugural: que é importante sempre se escrever a história pensando no futuro.

VA: E essa experiência em vídeo? Como você faz? Em que acredita que é diferente de áudio apenas?

MV: Em muitas coisas. Fui uma pessoa muito contrária à imagem. Por exemplo, no livro *As maiorias invisíveis* queria colocar minha fotografia na contracapa e eu disse que não havia posto a foto dos entrevistados, como iria colocar a minha? Mas por que não coloquei a fotografia dos que entrevisto? Não sei se me equivoicara ou não, mas é tão forte a imagem, que você fica com a imagem e as palavras se perdem. E a mim me entusiasma a palavra e o silêncio. Mas também me convenci que a imagem... Ainda mais, dei um curso sobre cinema, história e cinema. Então creio que a imagem – sobretudo a imagem em movimento – é muito importante, e o vídeo dá o que não dá a palavra. Há muitas coisas que são ditas pela expressão, mas é difícil a análise. Da mesma maneira que com a história oral, ou com a transcrição, ou com os diálogos, estamos, na realidade, no início da exploração desse tipo de fonte. Porque levamos três décadas – talvez um pouco mais, mas não muito mais – e com a imagem ocorreu o mesmo. É tão fácil gravar a imagem, mas não sabemos ainda bem como analisá-la. Eu fiz montagens, mas com a televisão; tecnicamente está bem-feito e posso expor. Creio que estamos chegando a uma fase em que talvez realmente a palavra escrita não será a dominante; há outros meios multi, multimídias, que são importantes, e nós temos que ser também *experts* nisso. Eu não o sou, mas penso que é um bom complemento. Em todo caso, a imagem dá algo.

VA: E você transcreve também o vídeo?

MV: Sim. Para fazer o trabalho em vídeo, primeiro fazemos entrevistas em profundidade transcritas, em seguida entrevistas focalizadas, temáticas, transcritas, estudamos...

VA: Entrevistas em vídeo?

MV: Não, primeiro preparamos em áudio.

VA: Gravadas em áudio.

MV: Sim, transcritas, estudadas, focalizadas, transcritas, estudadas... Então, na televisão, nos estúdios, perguntamos de novo, já sabendo onde íamos chegar. Estavam bem estudadas as personagens.

VA: A entrevista em vídeo já era pelo menos a segunda entrevista que a pessoa dava?

MV: Era a terceira. Porque era realmente para fazer a montagem.

VA: E era longa?

MV: Meia hora. Meia hora por personagem para logo discorrer muito pouco.

VA: Sim, para fazer a edição, claro. Então, faziam em áudio a entrevista mais longa...

MV: Muito longa, de várias horas.

VA: E a de vídeo, de meia hora só.

MS: Uma curiosidade: como se sente sendo entrevistada?

MV: Não foi uma entrevista pessoal que me fizeram, foi uma entrevista profissional.

MS: Sim.

MV: Como não sabia o que iam me perguntar, tentei responder o mais sinceramente possível. O que ocorre é que é tão rápido, não percebi passar o tempo e seguramente pensaria outras coisas se... Neste tipo de entrevista, você fala um pouco como um disco arranhado aquilo que já se sabe. Ou seja, não descobri nada novo nesta entrevista, porque não me foi dado descobrir porque não houve tempo.

VA: Mas nós descobrimos.

MV: Vocês sim, mas parece-me que, na entrevista, o que é extraordinário, é que é um jogo a dois, e se algo não transforma a um e a outro, é que a entrevista não teve a densidade que precisa, por isto é mais jornalística. Creio que, na fonte oral, as entrevistas que fazemos nos transformam e transformam o outro, porque você está chegando a portos novos, fazendo um autêntico descobrimento. É uma porta insólita que de pronto se abre e você diz o que não havia dito nunca, é fabuloso. Mas aqui disse algo que mais ou menos tinha pensado em outras vezes, porque tinha refletido. Não sou uma pessoa para ser entrevistada. Creio que o extraordinário é entrevistar pessoas que nunca tenham falado.

Referências bibliográficas

- AMADO, Janaína & FERREIRA, Marieta M. (orgs.). *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro, Fundação Getulio Vargas, 1996.
- BAUM, Willa K. *Oral History for the Local Historical Society*. Nashville, Tennessee, 1974.

- BAUM, Willa K & DUNAWAY, D.K. (eds.). *Oral History: an Interdisciplinary Anthology*. Walnut Creek, Altamira Press, 1996.
- BURCHARDT, N. & THOMPSON, P. *Our Common History; the Transformation of Europe*. London, Pluto Press, 1982.
- FERREIRA, Marieta M.; FERNANDES, Tânia .M.; ALBERTI, Verena. (orgs.). *História oral: desafios para o século XXI*. Rio de Janeiro, Editora Fiocruz, CPDOC/FGV, 2000.
- FRASER, Ronald. *Mijas: república, guerra y franquismo en un pueblo andaluz*. Trad. José Manuel Álvarez y Ángela Pérez. Barcelona, Antoni Bosch, 1985.
- GRELE, Ronald. *Envelopes of Sound; the Art of Oral History*. New York, Praeger, 1991 (1ª ed. 1975).
- JOUTARD, Philippe. *Ces voix qui nous viennent du passé*. Paris, Hachette, 1983.
- NIETHAMMER, Lutz. *Lebenserfahrung und kollektives Gedächtnis. Die Praxis der "Oral History"*. Frankfurt a.M., Syndikat, 1980.
- _____. "Conjunturas de identidade coletiva". In: *Revista Projeto História*, São Paulo, 15, abr. 1997.
- PASSERINI, Luisa. *Fascism in Popular Memory*. Cambridge, 1987.
- _____. *Mussolini immaginario: storia di una biografia*. Roma e Bari, 1991.
- _____. *Memory and Totalitarianism*. New York, Oxford University Press, 1992.
- PORTELLI, Alessandro. *The Death of Luigi Trastulli and Other Stories; Form and Meaning in Oral History*. Nova York, SUNY Press, 1990.
- _____. "A filosofia e os fatos". In: *Revista Tempo*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, dez. 1996
- THOMSON, Alistair. *Anzac Memories: Living With the Legend*. Oxford, Oxford University Press, 1994.
- _____. "Recompondo a memória: questões sobre a relação entre a história oral e as memórias". In: *Revista Projeto História*, São Paulo, 15, abr. 1997.
- THOMSON, Alistair & PERKS, Robert. *The Oral History Reader*. London, Routledge, 1998.
- THOMPSON, Paul. *The Voice of the Past; Oral History*. Oxford, Oxford University Press, 1978.
- VANSINA, Jan. *Oral Tradition: A Study in Historical Methodology*. Londres, Routledge & Kegan Paul, 1965.
- _____. *Habitat, Economy and Society in the Central African Rainforest*. Providence/Oxford, 1992.

VILANOVA, Mercedes. *España en Maragall*. Barcelona, Peninsula, 1968.

_____. *La conformidad con el destino en Azorín: trayectoria de un escritor español*. Barcelona, Ariel, 1971.

_____. *Atlas electoral de Catalunya durant la Segona República; orientació del vot, participació i abstenció*. Barcelona, Fundació Jaume Bofill/La Magrana, 1986.

_____. *Las mayorías invisibles; explotación fabril, revolución y represión; 26 entrevistas*. Barcelona, Icaria, 1996.